RESUMO - PROTOZOOLOGIA E PATÓGENOS TRANSMITIDOS POR VETORES

SOROPREVALÊNCIA ANTI-RICKETTSIA SPP. EM CÃES ROEDORES E MARSUPIAIS DE RONDÔNIA, AMAZÔNIA OCIDENTAL

Gabriel Moreira Valença (biologovalenca@gmail.com)

Ivaneide Nunes Da Costa (ivaneidekaleb2011@gmail.com)

Kamila Pereira De França (kamilafranca521@gmail.com)

Lilith Helena De Castro Barroso (lilithbarroso21@gmail.com)

Caio Lourenço Assunção Da Silva (caio.assuncaopvh@gmail.com)

Cristof Kaleo Belleza Marques (cristofkaleo0@gmail.com)

Marcelo Bahia Labruna (labruna@usp.br)

Jansen Fernandes De Medeiros (jansen.medeiro@fiocruz.br)

André De Abreu Rangel Aguirre (andre.aguirre@fiocruz.br)

As riquetsioses são zoonoses causadas por bactérias do gênero Rickettsia, transmitidas por carrapatos (grupo da febre maculosa – SFG), piolhos e pulgas (grupo tifo – TG). No Brasil, Rickettsia rickettsii e Rickettsia parkeri cepa Mata Atlântica são os principais agentes associados a quadros de febre maculosa,

com espécies de Amblyomma atuando como vetores. Em áreas com cenários epidemiológicos ainda não esclarecidos, cães domésticos com acesso à mata podem atuar como sentinelas da circulação de Rickettsia devido à frequente exposição a carrapatos de fauna silvestre. O presente estudo teve como objetivo investigar a soroprevalência anti-Rickettsia spp. em cães domésticos de áreas rurais do entorno e em pequenos mamíferos silvestres capturados em unidades de conservação no estado de Rondônia, Amazônia Ocidental. As amostras de soro de cães e animais silvestres foram obtidas, respectivamente, no assentamento rural Joana D'Arc III e na ESEC Serra dos Três Irmãos, no município de Porto Velho, bem como em comunidades derivadas da Vila Nova de Samuel e na ESEC Samuel, no município de Candeias do Jamari. Foram coletadas amostras sanguíneas para obtenção de soro de cães domésticos e pequenos mamíferos silvestres entre 2022 e 2024. As amostras de soro foram submetidas à Reação de Imunofluorescência Indireta (RIFI) utilizando antígenos de cinco espécies de Rickettsia presentes no Brasil: R. rickettsii, cepa Taiaçu; R. parkeri, cepa At24; Rickettsia. amblyommatis, cepa Ac37; Rickettsia rhipicephali, cepa HJ5; Rickettsia bellii, cepa Mogi. Até o momento, 142/286 (49,7%) amostras de cães foram processadas, das quais 95/142 (66,9%) apresentaram reatividade para pelo menos um antígeno. Entre os cães reagentes, R. bellii foi o antígeno mais frequente (88,4%), seguido por R. parkeri (44,2%), R. rhipicephali (30,5%), R. amblyommatis (26,3%) e R. rickettsii (9,5%). Em mamíferos silvestres, 15/54 (27,8%) apresentaram sororreatividade, com destaque para R. rhipicephali (60,0%), R. bellii (53,3%) e R. amblyommatis (53,3%). Foi possível inferir possível antígeno envolvido na reação homóloga (PAERH) em 19/42 (45,2%) dos soros titulados de cães, R. bellii (52,6%) e R. parkeri (36,8%). Não foi possível inferir o PAERH nas amostras de animais silvestres. Portanto, os resultados sugerem circulação de diferentes espécies de Rickettsia na Amazônia Ocidental e reforçam o potencial dos cães domésticos como sentinela para vigilância epidemiológica em cenários de áreas silenciosas, e animais silvestres, como roedores e marsupiais, podem atuar como hospedeiros amplificadores, reforçando a importância de abordagens integradas em saúde única.

Palavras-chave: febre maculosa; soroprevalência; rickettsia; reservatórios.